

O lago dos silêncios

Existe uma diferença entre a aparente imobilidade das águas e a sua serena compleição. Profundo mapa da existência, lugar primordial capaz de concentrar em si o início e o fim de todas as coisas, no lago onde cabem os silêncios habitam também estranhas criaturas. Seres em trânsito, faces visíveis de um processo de transformação, fugaz momento de contemplação revelado para lá do que permanece incógnito, invisível. Indizível.

Neste encontro pautado pelo (re)conhecimento das formas, o perscrutar do real oferece-se como território de recolhimento e mutação através do qual se manifesta o longo percurso do «fazer». Como hábil tecedor do que diz ser o seu «mundo mítico funcional», António Canau (Espadinha) organiza a trama que unifica todos estes seres viventes. Estabelece-lhe relações de continuidade, determina a sua finitude, entrecruza-lhe sentidos reformulando constantemente o seu imaginário, para lá de qualquer determinismo, numa urgência nascida a quatro tempos. Em múltiplos outros tempos. Aquele que nasce de uma inquietude e de uma interrogação face a tudo o que o rodeia, o que reside na demora desse olhar necessariamente exterior ao objecto, o que dissecou o visto apreendendo-lhe a estrutura identificadora e, um outro, fundamentado no gesto libertador da forma assim cativa no papel. Um caminhar contínuo em busca de uma síntese que torna presente o trilho percorrido. Nunca definitiva.

São múltiplos os processos que António Canau articula no seu trabalho. Se o desenho tem assumido muitas vezes a dimensão de um olhar primeiro, de utilitária ferramenta na descoberta e desestruturação do real, é através da gravura e da escultura que o seu discurso plástico se tem tornado visível. Depois de ter frequentado o curso de Artes Gráficas na Escola António Arroio onde, pela primeira vez, tomou contacto com a gravura, licencia-se em Escultura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa recebendo, em 1997 o grau de mestre pela Slade School of Fine Art, de Londres.

Do confronto e complementaridade nascidos das duas linguagens, se tem formalizado o simbólico e evocativo universo criativo de António Canau. E nele, enigmáticos seres alados, animais, plantas e sementes, homens e deuses vão ocupando o seu lugar numa cosmogonia muito particular.

*

No centro do lago ergue-se uma figura. Hierática imagem, sedeada na frágil disposição dos elementos. Revifica-se no traço deixado pela rasura do suporte que lhe deu origem, num desenho cru, despojado de artificiosos enganos, como se nessa extensão de um mundo interior mantido à distância sobreviesse a sua essencialidade. Como se através do desenho fosse possível espreitar por detrás dos ossos...

«O cão do Minotauro !?», de 1996, deriva irónica deste improvável bestiário, mantém-se vigilante. Nele se reencontram os touros expectantes e a grande lebre negra, de 1987 que marcaram o início de um percurso. Da xilogravura à ponta seca, verso e reverso da imagem, as figuras de António Canau transmutam-se em depurada síntese. Mantêm-se no carácter efabulado e na sua crepuscular presença, na estranheza de um entorno, em deslocação já para (e a partir de) uma outra forma. Neste cão de pedra (?), fina estrutura do ser em fuga do labirinto, reencontra-se uma outra imagem - a da mulher-bicho, (in)completa transgressão das espécies, que ergue os braços (cotos, asas) ao céu num voo impossível.

Na linha que define contornos, que assinala reflexos sobre a água, que suspende volumes, descobrem-se também passagens. Entre os cornos (braços, asas, orelhas) deste monstro flutuante fende-se a unidade do corpo fazendo adivinhar que, para lá dela, um outro mundo permanece por desvendar.

Nas duas esculturas de bronze datadas de 1997, onde o grafismo cede lugar ao jogo de volumes sob a contingência de um novo suporte, de uma outra linguagem, o mesmo referente surge. Na esfera aberta abre-se em dois o mundo e uma escada entrevista acentua a passagem.

O regresso à mesma figura mítica faz-se praticamente dez anos depois. Distanciado do esquálido equilíbrio anteriormente proposto, o renovado Minotauro assume, na gravura, a forma bolbosa das esculturas. Num permanente jogo de simetrias, as arestas esbatem-se, a luminosidade dilui-se passando a emergir da superfície e da arquitectura do corpo.

No lago dos silêncios redescobre-se a presença da noite. Serena, imóvel, iluminada por este facho translúcido que no seu interior parece guardar toda a luz. Em «Swan Horse», de 1992, é através dela que a figura esfíngica do cavalo cisne desliza, em negativo, a contra-escuridão, sobre as águas de um mesmo mar de claridade. Do mesmo modo, entre a linearidade e o pontilhado das formas esboçadas no díptico «The moon on the swallows eye», de 1997, é a lua e o manto geometrizado do seu cintilar que rompem a escuridão como metafórica imagem de uma liberdade alcançada. Ao fundo, sobre o horizonte. Lá onde se adivinham passos...

Ana Ruivo

Dezembro, 2003